

**Feminismos Globais  
Estudos de caso comparados  
de Mulheres Militantes e Intelectuais**

**BRASIL**

**Laura Castro**

**Entrevistadora: Sueann Caulfield**

**Rio de Janeiro, Brasil  
11 de julho de 2014**

**University of Michigan  
Institute for Research on Women and Gender  
1136 Lane Hall Ann Arbor, MI 48109-1290  
Tel: (734) 764-9537**

**E-mail: [um.gfp@umich.edu](mailto:um.gfp@umich.edu)  
Website: <http://www.umich.edu/~glbfem>**

© Regents of the University of Michigan, 2015

**Laura Castro** é atriz, dramaturga, cantora, produtora cultural e ativista política na causa das famílias LGBT. Nascida no Rio de Janeiro em 05 de dezembro de 1981, Laura começou a estudar música aos 9 anos e teatro aos 16 anos. Nesta época, iniciou o Curso Técnico Profissionalizante na formação de atores na Casa das Artes de Laranjeiras onde se formou no ano 2000. Mais tarde, Laura ingressou na Universidade do Rio de Janeiro, UNIRIO e se graduou em artes cênicas com habilitação em teoria do teatro em 2008.

Em 2003, Laura fundou a produtora cultural JLM Produções Artísticas e, entre 2005 e 2009 foi administradora e diretora de Produção do Centro de Referência Cultura Infância do município do Rio de Janeiro. Como sócia da JLM, que hoje atende pelo nome fantasia de CRIA Produções, Laura é idealizadora e produtora de projetos em variadas áreas culturais. e uma das realizadoras expoentes em montagens teatrais e musicais no Rio de Janeiro. Alguns de seus principais trabalhos são em parceria com o diretor João das Neves, com quem realizou o espetáculo “Zumbi”, o show “Bituca – O Vendedor de Sonhos”, “Galanga, Chico Rei” (indicado ao prêmio APTR 2011 – melhor música) e “Besouro Cordão-de-Ouro”, (indicado a 03 categorias do Prêmio Shell de 2007 - vencedor de 1), os dois últimos com letra e música Paulo César Pinheiro. Com Aldri Anunciação (texto) e Lázaro Ramos (direção), produziu o espetáculo “Namíbia, Não!”, vencedor do prêmio Jabuti de dramaturgia e do prêmio FITA de melhor espetáculo. Em parceria com Filipe Bernardo, realizou os espetáculos para infância “Menininha”, com dramaturgia da própria Laura que, desde sua estreia em 2010, passou por mais de 80 cidades e alcançou cerca de 100.000 espectadores e “O Filho que eu quero ter”, também de Laura, ambos sobre a obra de Vinícius de Moraes. Também foi responsável pela realização do espetáculo “Breu”, de Pedro Brício e direção de Miwa Yanagizawa e Maria Silvia Siqueira Campos, vencedor de 2 prêmios Questão de Crítica 2011, “Obrigado, Cartola!”, com direção de Vicente Maiolino, “Carolina”, de Tarcísio Lara Puiati e direção de Renato Farias, “Um Homem Célebre”, de Wladimir Pinheiro e direção de Pedro Paulo Rangel, “Gota d’Água”, de Chico Buarque e Paulo Pontes e direção de João Fonseca, entre outros. Em 2012 realizou a ocupação do teatro Funarte Glauce Rocha com o projeto Linguagens Brasileiras – Cultura Negra em Cena.

Na área audiovisual, entre 2005 e 2010, foi responsável, em parceria com o Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (Labhoi/UFF) pela produção da tetralogia de documentários sobre os descendentes dos últimos escravos da província do Rio de Janeiro, da qual fazem parte os filmes “Memória do Cativo”, de Hebe Mattos e Martha Abreu (2005), “Jongos, Calangos e Folias: Música Negra, Memória e Poesia”, de Hebe Mattos e Martha Abreu (2007), “Versos e Cacetes”: O Jogo do Pau na cultura Afro-Fluminense”, de Matthias Röhrig Assunção e Hebe Mattos (2009) e “Passados Presentes: Memória Negra no Sul-Fluminense”, de Hebe Mattos e Martha Abreu (2010). Em 2011/2012, realizou “Metro”, de Guilherme B. Hoffmann, produzido em associação com a Universidade Paris 8 (Paris/França). “Metro” foi exibido em diversas mostras e festivais no Brasil, Estados Unidos, Colômbia, Belize, Romênia, e Inglaterra. Em janeiro de 2015, a CRIA estreou o espetáculo “O Campo de Batalha”, direção de Lázaro Ramos e Márcio Meirelles e texto de Aldri Anunciação no CCBB SP.

Entre seus trabalhos mais autorais, Laura foi responsável pelo espetáculo “Aos Nossos Filhos”, de 2013, onde assina o texto, a produção e atua ao lado de Maria de Medeiros. Com direção de João das Neves, o espetáculo indicado a dois prêmios APCA (melhor dramaturgia para Laura Castro e melhor atriz para Maria de Medeiros). A peça encontra-se em fase de adaptação para o cinema sob a direção da própria Maria de Medeiros e roteiro de Laura e Maria.

Laura casou-se com Marta Nobrega em janeiro de 2015 após 15 anos de união. Laura e Marta tem 3 filhos, Rosa (gerada por Marta), José (gerado por Laura) e Clarissa (adotada) todos registrados em nome das duas mães. Desde o nascimento das crianças, Laura atua ativamente nas causas das famílias LGBT sendo a atual presidente da recém inaugurada ABRAFH (Associação Brasileira de Famílias Homoafetivas) e registrando suas experiências em dois blogs [rosajoseeclarissa.blogspot.com](http://rosajoseeclarissa.blogspot.com) e [pautaprivada.blogspot.com](http://pautaprivada.blogspot.com)

**Sueann Caulfield** é Professora Associada do Departamento de História da Universidade de Michigan. Foi diretora do Center for *Latin American and Caribbean Studies* (LACS) (1999-2004) e atualmente dirige o *Brazil Initiative Social Science Cluster*. É especialista em história do Brasil contemporâneo, com ênfase em gênero e sexualidade. Ela recebeu vários prêmios e bolsas da *Fullbright Commission*, *National Endowment for the Humanities*, e *American Council of Learned Societies*. É autora de, entre outros, o livros *Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*, *Honor, Status and the Law in Modern Latin American History* (organizado em co-autoria com Sarah Chambers e Lara Putnam), e vários artigos sobre gênero e historiografia, e direito de família, raça e sexualidade no Brasil. Sua pesquisa atual versa sobre história da família, com particular ênfase na história da paternidade e legitimidade no Brasil do século XX. Ela é particularmente interessada no tema dos direitos humanos na America Latina, e vem participando de uma série de workshops, projetos transnacionais de ensino e intercâmbios sobre temas como justiça e ação social.

O **Projeto Global Feminisms**, localizado na Universidade de Michigan, foi iniciado em 2002 a partir de um financiamento para projetos interdisciplinares em parceria com instituições de outros países. O arquivo virtual inclui entrevistas com mulheres ativistas e intelectuais do Brasil, China, Índia, Nicarágua, Polônia e Estados Unidos.

Nossas colaboradoras no Brasil são pesquisadoras do Laboratório de História Oral e Imagem – [Labhoi](#), da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Núcleo de História, Memória e Documento ([NUMEM](#)) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

(UNIRIO). As entrevistas no Brasil foram realizadas com apoio do *Third Century Learning Initiative* e *the Brazil Initiative at the University of Michigan* e, no Brasil, da FAPERJ e do CNPq.

**Sueann Caulfield: Então, estamos falando com Laura Castro, dramaturga, atriz de teatro, também cineasta agora com o primeiro filme que está em produção, que vai sair daqui a um ano.**

Laura Castro: É.

**SC: E estamos falando, queremos falar um pouco sobre a sua visão, sobre como o seu trabalho caberia ou não no campo de feminismo, para pensar um pouco sobre o tema de feminismos globais, como que seu trabalho encaixaria ou não, como você vê esta questão? Mas então, eu queria começar antes de entrar no assunto do trabalho mesmo, entender um pouco sobre a sua vida e como que você chegou a fazer esse trabalho que você faz, se você poderia falar um pouco sobre a ideia de fazer obras de teatro, ou que tenha a ver com a temática de mulher, dos direitos da mulher, no caso das mulheres gays, de famílias LGBT, como é que isso surgiu, e como você vê a relação entre sua vida pessoal e seu trabalho.**

LC: Uma relação até bastante direta, né: eu sou gay, eu sou casada com a Marta, quer dizer, casada ainda não no papel, o que é uma questão, mas a gente está junto vai fazer 15 anos em janeiro próximo, então foi uma coisa que me pegou muito cedo, aos 18 anos eu comecei a namorar a Marta... E bom, sou filha de uma grande mulher, eu considero, de uma grande pesquisadora, uma pessoa que eu sempre admirei, que sempre trabalhou na universidade, professora titular, enfim, não era na época em que eu era pequena, mas se tornou agora, sempre um exemplo que eu tive de mulher, uma pessoa realmente muito produtiva, muito fora do padrão do que seria a minha avó já, se eu observasse uma geração anterior, já era uma mulher totalmente diferente do que era a minha avó. E eu me via aos 18 anos recém mulher e gay, e isso foi dentro da minha família uma pequena revolução, né? Porque era diferente, porque não era esperado, e ao mesmo tempo eu também fui criada com uma cabeça muito livre, com possibilidades muito abertas, justamente por ter essa mãe que eu considero tão espetacular, e meu pai também acompanhava isso, então eu achava tudo muito certo, que não tinha problema nenhum, e não durou um mês pra eu descobrir que tinha um monte de problema (risos).  
Então foi assim um...

**SC: Depois que você falou isso em família.**

LC: É, em família, e no mundo, e descobri que a coisa não era como eu adolescentemente imaginava que seria. E aí com isso fui viver, talvez pela primeira vez, o preconceito e as restrições feitas às mulheres homossexuais e às mulheres de um modo geral, inclusive num casal de mulheres uma coisa que chama muito a atenção é a ausência de um homem né? Como você faz para abrir a lata da azeitona, porque falta um homem em casa, se tiver um problema no encanamento quem que vai resolver isso? Como se as mulheres tivessem uma série de coisas que não fizesse parte da alçada da vida delas, e que sem um homem fica uma ausência ali, e eu percebi claramente a visão pra gente enquanto casal como se faltasse alguma coisa. E com isso, bom, primeiro tive que fazer uma revolução pessoal, muitos anos de análise, para me recolocar no mundo diante disso, e acabei passando, depois de alguns anos, por esse desafio da minha vida pessoal. Casei com a Marta no sentido de ir morar

juntas realmente, assumidamente para o mundo que éramos um casal, e depois tomamos a nossa maior decisão na vida, que foi a de ter filhos, e nossa primeira filha nasceu em 2010, e a decisão foi de 2008. Foi em 2008 que a gente trocou alianças também, sem grandes eventos, mas porque significava pra gente uma ideia de formar família, e sem muitos exemplos novamente, no momento eu fui atrás de conhecer um casal de mulheres com filhos para ver como a coisa podia funcionar. E eu tinha uma desinformação absoluta, tanto em relação à concepção, quanto a como essa criança poderia ou não ser registrada, o que poderia acontecer com ela no futuro, na escola, era um vazio enorme de informações, então, que me exigiu uma pesquisa de buscar pessoas, de encontrar outras famílias, de trocar informações, e depois de enfrentar a minha própria experiência, que é, resumidamente, a gente se habilitou para a adoção, já encontramos um cenário mais positivo, no sentido de que duas mulheres ou dois homens eram encorajados a habilitar em conjunto, quer dizer poucos anos antes você teria que habilitar como se fosse solteira, e a outra mãe não teria nenhum vínculo no papel com a criança, mas ainda assim o processo de adoção é um processo lento, a gente fez a habilitação, mas ela não chegou a sair por mais de 6 meses, a habilitação não a criança, a habilitação em si estava tramitando e aí a gente resolveu pesquisar os métodos de reprodução assistida, e aí a Marta engravidou da Rosa, nossa primeira filha que nasceu em 2010. E aí mais uma vez eu fui atrás de um advogado, e de entender e haviam três casos no Rio de Janeiro de registro conjunto, de duas mães, e a gente então chamou essa advogada para nos representar, e depois de 8 meses de processo eu pude registrar a Rosa também em meu nome, a certidão dela saiu no dia no aniversário dela de um ano, em 8 meses saiu a sentença, e no dia do aniversário saiu a certidão anulando a anterior, e uma nova certidão em nosso nome. Depois eu engravidei, que eu tinha muito desejo de engravidar, engravidei do José, nosso segundo filho, aí o processo dele foi bem mais rápido, levou dois meses, e quando eu estava já grávida de oito meses do José, aquela habilitação lá de trás, de adoção, ligaram para a gente, porque a gente tinha entrado na fila e tinha uma criança, que era a Clarissa, que tinha na época quase três anos e ela chegou mais ou menos junto do José. Mas formou assim essa grande família, que a gente sonhava em fazer lá pelos nossos dezoito anos, agora está toda aí, com três crianças. E eu comecei uma mobilização muito, é, como eu sou artista, trabalho com artes, e meu trabalho sempre teve muito a ver com coisas que eu vivo, com as coisas que eu acredito, principalmente a criação, de escrita, de tudo, e com as crianças, a minha vontade de falar nesse assunto se tornou uma coisa séria, eu diria, e comecei a fazer alguns trabalhos sobre isso, um livrinho para crianças que eu espero que saia ano que vem, que vem desde a gravidez da Rosa.

**SC: Com temática de famílias com duas mães.**

LC: Com temática de famílias com duas mães.

**SC: Qual o título do livro?**

LC: Do livro? *Mamães coruja*. (Risos.) É um primeiro espetáculo infantil que falava de relação mãe e filha, falava também sobre uma questão de gênero, sobre a maternidade na mulher, e sobre as muitas possibilidades de família. Esse eu fiz com uma leitura assim, bem aberta, mas falava nisso também, com canções do Vinícius [de Moraes], a gente fez em mais

de 80 cidades no Brasil, fez em Lisboa... E depois, mais diretamente falando da temática LGBT, o espetáculo AOS Nossos Filhos que a gente está adaptando para o cinema, que a gente pode chegar lá na questão profissional, mas que fala justamente, de uma mulher advogada, que tem um filho com a companheira, na verdade a companheira está grávida né, e ela vai falar pra mãe que vai ter um filho desta forma, e a mãe é na verdade é uma grande feminista dos anos 60, mas vai ter que lidar com essa situação. E aí isso se desdobrou em vários pensamentos sobre a questão feminista. Então sim, através da minha vivência, das escolhas que eu fiz, a questão de gênero se impôs, e acho que, posso dizer que sou feminista e penso sobre isso. (Risos.)

**SC: (Risos.) E quanto a essa última peça que agora vai virar cinema, “Aos Nossos Filhos” - até que ponto isto é autobiografia? E as personagens representam você e sua mãe, ou outra pessoa?**

LC: Não, não tem uma parte autobiográfica, no sentido de que ela nasce muito do meu desejo de falar nisso, e no fato de eu ter confrontado, como eu falei lá no início, que mesmo as mentes mais abertas podem ter dificuldades de lidar com essa questão, né, que acho que as coisas estão aparecendo de fato hoje, que pra pouco mais pra trás não era, as pessoas não conseguiam ser tão claras, não conseguiam viver da forma que a gente está vivendo hoje, é muito novo efetivamente, o que faz com que o desconhecimento, a ignorância mesmo torne as coisas difíceis mesmo para as cabeças mais abertas. Mas é uma situação criada, e baseada em muitas entrevistas e pessoas que eu conheci, eu quis criar uma personagem homossexual bastante careta, no sentido de uma pessoa tradicional, com um único casamento há muitos anos, uma advogada, com valores bem conservadores, bem certinha, também para quebrar um pouco o estereótipo do homossexual como tem que ser uma pessoa porra louca, que vai a festa, e sei lá o que que faz, então uma pessoa extremamente careta, inclusive preconceituosa com várias coisas sociais, questões (ela ali aparece falando com desconhecimento e ignorância em relação ao HIV, e fala umas besteiras), então uma pessoa lá com seus preconceitos, com suas limitações e bem caretona, é a personagem homossexual. E nisso eu não me identifico (risos). E em contraponto com uma mãe que também não é da geração da minha mãe, que é de uma geração anterior, uma mulher dos anos 60, que lutou contra a ditadura no Brasil, que viveu um momento no Brasil da revolução sexual né, e que em algum momento eu fiz o clique com o que eu acho, e a gente hoje tem uma presidenta dessa geração, então eu fiz um clique com as conquistas dessa geração, a busca pela liberdade, a revolução sexual, eu acho que abriram caminho, a minha teoria é que abriram caminho para o que a gente vive hoje, mesmo que não diretamente, não estavam pensando nesse caso, mas abriram o caminho para uma democracia que a gente vive hoje, de forma mais plena, com possibilidade de conquista de direitos, e formaram a cabeça de jovens diferentes. Se não fosse a revolução sexual a gente não pensava como pensa hoje, então eu botei essas duas mulheres em conflito, mas porque eu acho que uma vem da outra no sentido não das, no caso ali diretamente, uma é filha da outra, vem da outra, mas as conquistas que vemos hoje vêm das conquistas que foram feitas naquele momento, então tem uma coisa assim representativa nesse sentido.

Então pode ser, tem inspiração na minha mãe, tem a ideia de que é uma mulher com uma cabeça extraordinária, que eu acho que a minha também é, mas é uma mulher de uma

geração anterior, que lutou contra a ditadura e tem todo um histórico que não é o da minha vida em casa. Então sim, teve uma inspiração pessoal mas uma criação em cima disso, e que acaba discutindo os valores de liberdade e de conquista em dois momentos diferentes da história do Brasil.

**SC: Então você já está respondendo a uma outra pergunta que eu queria fazer, que é como você vê o seu trabalho enquanto artista e profissional e também a sua militância em relação à história do seu país? Então você mais ou menos explicou esse vínculo que você vê entre as conquistas feitas a partir dos anos 60 com a revolução sexual e até onde a gente chegou hoje com o casamento gay legalizado no Brasil e a maior possibilidade de ter filhos e uma família alternativa, que não é mais alternativa, que era alternativa e que agora é normal juridicamente. Você vê algum vínculo também, porque você além do seu trabalho no teatro, como artista, como profissional, você também atuou como militante em certa medida, então, você pode explicar um pouco esse processo?**

LC: Eu acho que cada vez mais é uma coisa que está, como as informações que se tem são realmente ainda pequenas, e as pessoas, como eu falei em 2008, 2009, eu não sabia nada de nada, e precisei buscar ajuda, procurar casais, eu acabei construindo aí uma rede de famílias homoafetivas, tanto de homens quanto de mulheres, uma rede de advogados, mais ou menos especializados na questão, que defenderam um caso, um outro, que foram se falando e criando informações. E por conta dessa rede, e do meu trabalho artístico, que cada vez mais cai pra esse lado, quer dizer, hoje eu me associo artisticamente ao WIFT – Women in Film and Television – uma organização internacional, fui ao *Festival de films de femmes* que é, enfim, um festival voltado para o cinema de mulheres, então, eu ganhei também uma possibilidade de visibilidade de discussão desses temas, que acabou que eu me tornei um elemento catalisador de outras pessoas e outras famílias na mesma situação, e situação parecida, ou querendo formar família. E, com isso, hoje são quase 500 famílias do Brasil todo, reunidas na verdade via grupos virtuais, no Facebook e coisas do gênero, já tem 3 anos que há um encontro presencial de algumas famílias que podem se encontrar, e fui chamada no ano passado por uma mulher que trabalha no Senado, ela trabalha na parte de assessoria de imprensa, e é gay, casada com uma outra mulher, elas têm também três filhos, e ela me chamou para participar de uma audiência pública sobre novas configurações familiares, com a senadora Ana Rita do PT, que abriu espaço para essa discussão e aí tinha um representante do Ministério dos Direitos Humanos, a Maria Berenice Dias uma advogada que...

**SC: Juíza, né? Desembargadora?**

LC: É, agora desembargadora, exatamente, mas que foi uma das primeiras a defender os direitos LGBT no Brasil. Tinha eu e mais um representante, (agora esqueci o nome dele, depois eu vou te dar) que não era do Ministério dos Direitos Humanos, era um representante direto do Governo Federal, e abriu-se uma mesa de discussão. Foi muito interessante porque eram 8h da manhã, passava na TV Senado, e teve uma repercussão enorme na internet, contra né, os religiosos todos, não sei o quê, falando que não tinha nenhum representante de Deus naquela mesa, e que todos iam pelo mesmo lado, e não



tinha ninguém representando a voz deles. Que ainda há na verdade, eu acho que esse movimento, que na época que eu estreei a peça tinha lá o Feliciano assumindo a comissão de direitos humanos da Câmara né, a senadora Ana Rita fez essa mesa também em contraponto, pro Senado fazer um contraponto à Câmara, e tem um movimento forte...

**SC: Podia, desculpe, eu acho que para os públicos, talvez não saibam quem é o Feliciano.**

LC: O Marco Feliciano, é, ele é (risos) até engraçado, pra quem não sabe nada chega a ser engraçado. Ele é de um partido conservador, ele é pastor da igreja evangélica, e ele acabou sendo nomeado presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara [dos Deputados do Brasil], e ele não só é contra todos os direitos humanos da população LGBT, como também a todos os movimentos de garantia de direitos raciais, da comunidade negra, ele é a favor de políticas anti-gay, e é um racista claro, assim, ele fala coisas assim que a gente nem imagina escutar mais, que a população negra foi escrava porque mereceu, ele lê a bíblia assim, ainda como liam no século XIX, século XVIII, (risos) então é uma coisa muito assustadora um cara desse estar na Comissão dos Direitos Humanos, e ele foi muito contra todos os direitos adquiridos da população LGBT, ele fez um movimento contra a união civil que na época ainda não tinha o casamento, muito contra o casamento, e criança então, nem se fala, a gente vai desvirtuar, comer as criancinhas, sei lá o que vai acontecer... (risos).

Então foi um movimento conservador que ganhou até uma notoriedade, ele fez muita mídia em cima disso, muita divulgação em cima disso, o ponto que eu ia chegar era esse, que quando há um movimento evidente de conquista de direitos, a reação se torna também muito mais evidente, então.

**SC: Ou seja estavam ganhando espaço, ganhando espaço, e conseguindo...**

LC: Estamos, eu acho que ainda estamos, mas aí a gente tem que se deparar com essa reação, daqueles que não querem que a coisa mude, da reação conservadora clássica, vamos manter como está, então começa a ter movimento de orgulho hétero, movimento dos homens, coitadinhos dos homens, coitadinhos dos heteros, brancos, louros e homens, esse são os piores, eles sofrem muito.. (risos).. ele têm feito movimentos, de verdade, porque estão sentindo o seu espaço modificar. E aí você sente ainda mais necessidade de tornar as coisas - acho que não tem que brigar com essa gente não, porque vai gritar sem eco, porque o movimento continua caminhando - , mas eu sinto ainda mais necessidade de tornar as coisas muito claras, muito faladas, muito públicas, na televisão, no cinema, no teatro, nas entrevistas... Desde que eu tenho filhos, eu dou entrevistas no dia das mães, todo dia das mães sai em algum lugar a minha família, esse ano eu recebi três telefonemas, eu falei: já não cansaram de falar da gente não? (Risos.)

Mas é porque nem todo mundo aceita mostrar família e tudo, e eu, ao contrário, acho importante mostrar. Eu acho que, eu entendo, eu tenho até amigas psiquiatras, que aí não vai poder mostrar, porque o paciente, e não sei o que, mas eu estou num lugar onde eu posso mostrar, eu acho que é importante mostrar, porque eu seu tivesse visto isso em mais jornais, mais televisão, mais filmes, teria outra facilidade na minha vida, então eu acho que

é o que eu posso fazer, a militância que me cabe. E eu estava te contando antes também, em termos de militância tem esse grupo, essa rede que surgiu, depois dessa audiência pública no Senado, surgiu um projeto que partiu até da Maria Berenice, de pensar uma associação, formalizar essa associação de famílias homoafetivas, com o nome de ABRAFH, a sigla de ABRAFH (Associação Brasileira de Famílias Homoafetivas) pra justamente criar um espaço onde de se possa procurar, tirar dúvidas sobre o registro das crianças, fazer movimentos coletivos no sentido de que agora está acontecendo uma coisa muito engraçada, alguns cartórios, depois do casamento, depois da mudança da lei de reprodução assistida, estão registrando as crianças de duas mães, e de dois pais assim que nascem, sem passar por juiz nenhum, sem processo nenhum, como eu passei. Outros não, porque não existe uma lei formal, então está parecendo os Estados Unidos. Se você for pra Juiz de Fora você registra, aqui no Rio não, porque tem um juiz de direitos civis é homofóbico conhecido, então, pra que se busque uma igualdade nisso, para que se busque projetos, criar uma lei nacional, e aí eu estou envolvida nessa criação da ABRAFH, querem que eu presida, mas não sei se eu posso, porque eu tenho três filhos pra criar, eu não sei se dá tempo, mas sem dúvida estou envolvida nesse movimento que eu acho que é bem importante essa ligação das famílias, por vários motivos, desde os direitos mais básicos, até a questão de saber que não está único no mundo né?

**SC: Isso é para regularizar o cartórios, ou seja criar uma lei?**

LC: Isso seria o primeiro projeto né?

**SC: O registro de filhos, de duas mães ou dois pais?**

LC: Isso.

**SC: E você acha importante também o movimento, ou existe atualmente um movimento para mudar a lei, para criar uma legislação federal que mude a constituição, que altera a redação da constituição, onde diz que união civil é entre um homem e uma mulher, ou formar uma lei, que hoje casamento gay é possível no Brasil por conta da decisão da corte suprema.**

LC: Exatamente, eu acho que tem que mudar a lei pra não haver, eu acho que o ideal seria mudar a lei, com relação ao casamento e a união civil, para que não haja dúvida, porque na verdade diz que tem que ser um homem e uma mulher, mas não diz 'exclusivamente' e é nesta brecha que pega né? Não diz exclusivamente, então pode também, é assim que o Superior Tribunal Federal está lendo e agora quanto ao casamento já não há nenhuma dúvida, qualquer cartório mesmo aqui do Rio, que o juiz é homofóbico, não há dúvida, você vai casar, mas com relação às crianças não, na verdade. É a tendência, mas é tudo pelo âmbito jurídico, então como não há nenhuma lei regulamentando, ainda não há um decisão que regularize os cartórios, então as crianças ainda não. Eo ideal seria uma mudança realmente na lei que, sim, uma revisão da constituição que pudesse neutralizar, porque no Brasil é ao contrário, mudança na constituição não aconteceu nenhuma né?

**SC: Uhun.**

LC: Foi tudo no âmbito jurídico.

**SC: E no âmbito ainda político e de militância, como você vê, já que o seu trabalho é todo em torno, como você explicou muito claramente a relação entre a sua vida pessoal e familiar, sua vida profissional, pelo menos em algumas das obras que você escreveu e atuou, e a sua militância política que vem muito relacionada com a sua vivência, com a vivência da sua família... Como você vê essa parte do movimento LGBT, para dizer assim, das famílias e dos direitos das famílias e da maternidade e paternidade, você vê relacionado com o que você chamaria de um movimento feminista ou um movimento especificamente LGBT em termos mais globais.**

LC: No mundo, que você diz?

**SC: Bom, no Brasil e no mundo então, talvez começando no Brasil.**

LC: Deixa eu ver se eu entendi a pergunta, como eu vejo essa questão das famílias inserida nas outras questões de movimentos LGBT e feministas de um modo geral, é isso?

**SC: Sobre toda a história do Brasil, como que se vê esse momento da militância, para os direitos familiares, direitos de famílias, relacionados com a história do movimento LGBT, e ou a história feministas, ou do feminismo no Brasil?**

LC: É.

**SC: Você mencionou no início como você vê onde estamos agora como um resultado do início, da revolução sexual...**

LC: É, sem dúvida, como eu falei no início com relação à questão feminista, teve junto nos anos 60 uma mudança drástica, desde o direito do divórcio que faz uma diferença enorme até, acho até engraçado, que como a personagem lá na peça viveu de fato a revolução sexual, quando a filha vem contar que vai ter um filho com a companheira, que a companheira tá grávida, ela fala logo “ Vocês fizeram um ménage? Um ménage à trois?” quer dizer, foi a três? Porque ela viveu a revolução sexual do sexo livre, tudo podia né?

**SC: Enquanto a personagem da sua obra é uma pessoa conservadora, né, muito monogâmica?**

LC: É, e aí ela fica horrorizada, não, fertilização in vitro, pelo amor de deus, né? De jeito nenhum que eu ia fazer um ménage, e a mãe acha... porque a gente a teve né, também um retrocesso conservador desde, principalmente por conta da AIDS, eu acredito, então o sexo livre, sem limitações, tudo era possível, foi drasticamente diminuído, o que junta um pouco as histórias com a questão do movimento gay, de um modo geral, porque a AIDS começa numa na população gay majoritariamente, de gays masculinos, e aí surge uma, eu acredito ali, uma nova militância gay porque as coisas conquistadas, o direito à liberdade, vai muita coisa pro saco, muita gente morre, os religiosos de plantão vão dizer que é castigo, né? E aí

você tem começar de outro prisma, de outro lugar, e eu acho que também foi uma luta vencida, vencida ainda é demais, mas, “vencida” ainda com uma certa rapidez, se você pensar isso nos anos 80, a gente agora em 2014 e você tem a AIDS hoje como uma doença crônica, que não é mais uma doença que vai matar, mais fácil de lidar do que uma diabetes, né? E mais uma vez, e espalhada né? Não é uma doença que tem foco na comunidade gay, todo mundo pode pegar ou não, se não tiver os cuidados ligados a usar a camisinha e tal, a educação sexual do mundo teve que se readaptar, mas eu acho que sai do nicho gay e se torna uma doença crônica e junto com isso tem novamente o movimento de vencer o preconceito, de ganhar um novo lugar pra vivência das liberdades sexuais, hoje né. Então eu acho que os movimentos de alguma maneira se encontram, eles têm uma interseção. O movimento feminista, o movimento gay, mesmo movimentos de modo geral de direitos de “minorias” - sempre coloco minorias entre aspas, como se mulher fosse minoria, como se negro fosse minoria, acho que os gays talvez até sejam minoria (risos), mas é tudo chamado no saco das minorias, muita coisa é maioria, mas começa a haver no mundo todo uma preocupação com esses direitos, no Brasil eu acho que, pra mim até na minha trajetória se cruzou com a questão dos movimentos da população negra, desde as cotas nas universidades, das cotas nas escolas, nas empresas, na televisão, no cinema, antes de começar a trabalhar com a questão do direito LGBT ou da mulher, eu fiz vários espetáculos sobre cultura negra, então, uma questão que sempre me envolveu muito, tenho muitos amigos artistas, negros, produzi muito junto com eles, e existe um clamor aí também de direitos, de visibilidade, de um outro lugar, e eu tenho a nítida impressão que uma coisa vai caminhando mais ou menos junto com a outra, a questão dos direitos iguais para todos, para as mulheres, para os negros, para os gays.... até que a gente, e aí as pessoas falam "ai não, mas aí fica segregando a população em mulheres, em negros em gays..", até que um dia não se precise mais, mas o fato é que é muito fácil falar que não precisa de direitos especiais quando as oportunidades não são iguais. Então, os últimos anos no Brasil, e eu acho que vou dizer, não sei, estou pensando aqui, acho desde o governo Lula e Dilma começa a ter uma preocupação ligada a essas questões de forma muito mais evidente, inclusive no meu trabalho de produção cultural eu vejo claramente que eu consigo parcerias e muitas vezes recursos para projetos que valorizam esse tipo de ação afirmativa em todos os campos, e quando eu comecei minha atividade profissional não achava da mesma maneira, tem uma mudança política que favorece.

**SC: E você consegue financiamento, através de ONGS, através do governo?**

LC: Pra cultura eu consigo principalmente financiamento através das leis de incentivo que são dadas normalmente, aprovadas pelo Ministério da Cultura.

**SC: Para firmas particulares?**

LC: É, mas a maior parte dos financiamentos que eu consigo são através de firmas estatais.

**SC: Petrobras?**

LC: É, Petrobras, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Eletrobrás...

**SC: Que apoiam.**

LC: Que de alguma maneira tem um pensamento menos comercial e se enquadram com uma política pública, mais..

**SC: E a política pública do governo federal, que influencia...**

LC: Que influencia nesse tipo de escolha...

**SC: Se direciona para ajudar essas questões sociais, de movimentos sociais, de direitos igualitários.**

LC: Isso, exatamente, e esse reflexo na cultura, eu vejo isso acontecendo.

**SC: E você vê também isso refletindo no público? Porque outro lado é você conseguir atrair um grande público para as suas obras, como você esse envolvimento? Quando você faz esse tipo de enfoque no seu trabalho, o público é receptivo?**

LC: Olha, eu acho muito legal porque com as questões ligadas à cultura negra todas, a gente teve um público enorme, enorme mesmo, a população, é a nossa identidade, é evidente que é uma coisa para todo mundo. Pode não ser o mais chique, não cobrar 100 reais pra você assistir lá no camarote, ao contrário, eram espetáculos bastante populares, acessíveis, mas que teve públicos de todos os tipos, de todas as classe sociais, de todas as cores, de todas as idades, e sempre com uma identidade muito grande, foi muito legal. Com a questão de gênero, LGBT, a gente teve bom público, sempre onde foi, mas causava mais conflito, assim, a gente trabalhou bastante... "O menininho" não, que era um espetáculo que falava da questão da maternidade e tudo, e as pessoas conseguiram se identificar, mas quando eu falei de forma bem direta das questões LGBT e tudo, teve praças que, apesar de o teatro estar cheio, eu saía dizendo "eu acho que escrevi sobre dois ET's, tanto essa mãe é um ET, quanto essa filha também é um ET." São duas pessoas com pensamentos que não necessariamente ouvia eco na plateia, porque a mãe era revolucionária demais, quem é essa louca falando de ménage e revolução comunista, e quem é essa doida querendo..

**SC: Essa reação que você está sentindo, você sentiu porque foram críticas publicadas ou que você sentiu conversando?**

LC: Teve uma critica um pouco assim, é da Veja-SP.

**SC: Que achou que eram exageradas as personagens?**

LC: É, mas aí a gente teve excelentes críticas, tanto na Folha quanto no Estadão, em São Paulo. E a Veja é a Veja, se não falasse isso ia ser estranho. Mas que ecoa essa sensação que eu tive. E a gente foi a muitas praças, a gente viajou muito, então quando ficava em temporada o público sabia o que estava indo assistir, e a reação era bem bacana, muita gente até que tinha identidade, que esperava pra falar depois. A Maria falou até "você tem que montar uma banquinha aqui depois, pra ficar, pra atender o consultório." Porque vinha

um a um assim, todo mundo querendo falar, querendo trocar, o que eu achava na verdade muito legal. Mas a gente foi também para interiores, que o SESC propiciou, e ali às vezes eu senti um baita sustão, "quem são essas mulheres, porque elas na verdade, nem uma, nem outra se enquadra num perfil..."

**SC: Familiar.**

LC: É, na verdade as duas ali, dentro de uma observação bem conservadora, nenhuma presta, pega essas personagens e queima, (risos), bota na fogueira as duas bruxas, nenhuma presta (risos). Então por mais que elas vão ter preconceitos diferentes, e visões diferentes, eu senti que tinha público, que "nem uma, nem outra, pelo amor de Deus".

**SC: Mas dentro do Rio de Janeiro, São Paulo, as grandes cidades, você teve essa recepção mais positiva..?**

LC: Eu tive uma recepção mais positiva, claro que eu fiz em teatros assim, eles não eram teatros enormes né, eles eram teatros propícios, eu acho, para o tipo de trabalho.

**SC: É, tem o trabalho também de duas pessoas no palco.**

LC: É, que é um espetáculo íntimo, e tudo. Mas agora, essa questão está sendo falada na grande mídia também, ano passado teve o...

**SC: E mesmo nas novelas, na televisão.**

LC: Exato, nas novelas, e tudo, ano passado teve, ou foi esse ano, o Matheus Solano fazendo o Félix, que teve um grande romance gay,

**SC: Numa novela da Globo.**

LC: É, novela da Globo, que deu um beijo gay, um beijo entre dois homens, no final da novela e com filhos envolvidos, tinham dois filhos, e curiosamente esse ator que fez muito sucesso com esse personagem, trabalha comigo desde os 19 anos, o Matheus.

**SC: Ham, no teatro?**

LC: No teatro, a gente fez nosso primeiro espetáculo profissional juntos.

**SC: Legal.**

LC: Então foi alguém que eu tive muita troca, e ele mesmo me falou, esteve lá em casa há pouco tempo, o retorno pra ele foi extremamente positivo, a família brasileira toda torceu pelo personagem dele, pra ficar com o mocinho lá, então eu acho muito legal.

**SC: Ele pessoalmente, na vida real não é gay?**

LC: Não.

**SC: Nenhum dos dois né?**

LC: Nenhum dos dois, eu acho. O Matheus eu realmente sei que não, o outro eu não conheço pessoalmente, mas o Matheus não e eu conheço a mulher dele, eles têm uma filhinha da idade da Rosa, da minha filha mais velha.

**SC: Última pergunta então. Como você está falando sobre a recepção no Brasil e também sobre movimento no Brasil dentro do contexto da história do Brasil, como você vê no contexto internacional? Você já viajou para a Europa com a peça, você mostrou a peça nos Estados Unidos, em ambiente universitário, como você vê os vínculos, , em que sentido tudo isso que você está falando sobre esse processo no Brasil, e a recepção dessa nova realidade no Brasil, como você isso como um fenômeno global e o que que você acha que é muito particular no Brasil?**

LC: É, eu realmente tive muita oportunidade de pensar sobre isso, porque eu faço a peça com a Maria de Medeiros, que é uma atriz muito internacional, que tem uma carreira muito internacional, ela é portuguesa, mas vive em Paris desde os 16 anos.

**SC: Ela faz o papel da mãe na peça.**

LC: É, ela faz o papel da mãe. E a Maria trabalhou nos Estados Unidos, com o Tarantino, trabalhou muito no Canadá, trabalhou muito na Itália, trabalhou, enfim, em vários países da Europa, então é uma pessoa que traz um pouco esse olhar internacional. E quando eu mandei o texto pra ela, e ela tem uma ligação com o Brasil muito forte, e quando eu mandei o texto pra ela ver, ela me diz que imediatamente lembrou de um casal de amigos gays da Itália, que estavam tendo filhos, e de um outro casal de amigas nos Estados Unidos, e como que isso tinha uma questão global hoje muito forte, como isso estava em questão no mundo todo. E aí tanto ela veio fazer o espetáculo aqui no Brasil, como a gente começou a levar, primeiro a gente foi a Portugal, fomos a Lisboa, e a Maria tinha muito medo da reação dos portugueses ao espetáculo, porque realmente a gente chegou lá e descobriu, por exemplo, apesar do casamento hoje ser permitido, uma mulher solteira, ou casada com outra mulher não tem direito a reprodução assistida, fazer reprodução assistida, em Portugal, então elas todas vão para a Espanha, (risos), resolvem na fronteira. Mas é um país ainda com uma série de preconceitos e limitações, nesse sentido, só que na semana que a gente chegou eles tinham acabado de aprovar no parlamento, a co-adoção por parceiro homossexual, então o tema estava fervilhando.

**SC: Então em termos de legislação, Portugal está na frente do Brasil.**

LC: É, pois é, porque a lei no Brasil não foi alterada né.

**SC: Sim, e foi antes a decisão da suprema corte, no Brasil, o casamento gay...**

LC: É, em Portugal.

**SC: É, foi legalizado em Portugal por lei.**

LC: Sim, e aí tinham aprovado a co-adoção naquela semana. Então o público que a gente encontrou foi muito receptivo e muito interessado nas entrevistas que a gente deu, em como que as questões estavam no Brasil, e como estavam em Portugal e inclusive nesse grupo que a gente tem, essa rede na internet, tem uma parte de Portugal, tem umas cem famílias de Portugal, porque é a mesma língua, e vai aproximando as pessoas, e aí com isso você fica... Questão de filhos em Portugal ainda é muito complicada, porque apesar de o casamento ser permitido, eles fazem fora a inseminação, aí depois em Portugal não pode ter filho sem pai, então ficam indo a cortes, e procurando pai, e aí você diz que é uma inseminação, se for uma inseminação com banco, aí você tem que trazer, e aí vem a corte europeia para decidir que a criança de fato pode continuar sem pai no registro.

**SC: Eles colocam duas mães?**

LC: Não, não. É, isso que tava passando na época, a co-adoção, mas me falaram, eu conversei inclusive com a irmã da Maria, com a Inês de Medeiros, que faz parte lá, ela é senadora em Lisboa, e ela falou que tinha passado, mas todo esse grupo que eu tenho ligado em Portugal, afirmam que ainda não existe registro, então alguma coisa, passou na primeira instância, mas eu acho que ainda não foi a cabo.

**SC: Porque tem o direito, o direito das crianças ao conhecimento da filiação, né, e essa filiação é entendida biologicamente, por isso essa criança teria o direito de saber do pai.**

LC: Exatamente, isso. Aí fomos primeiro a Portugal, e depois a gente levou para o Festival de films de femmes em Paris, e foi muito, muito interessante, porque na França está tendo todas essas manifestações terríveis anti-direitos homoafetivos todos.

**SC: Sobretudo anti-casamento.**

LC: Sobretudo anti-casamento, filho então nem se fala, então a gente teve vários, teve dois debates lá muito significativos, assim, com um público, era um festival de filmes de mulheres, sobre questões femininas e feministas, e com realizadoras e enfim, a gente falava um pouco sobre a adaptação desse projeto para o cinema, e apresentou o projeto no teatro. Então era um público muito favorável à questão mas que disseram pra mim que aquilo lá era ficção científica, usaram essa frase, que parecia super distante a possibilidade de um registro de uma criança em nome de duas mães ou dois pais, que as coisas eram super dificultadas... Aí um rapaz deu um depoimento que pra ter filho, eles fizeram em uma clínica que era em Israel, com um óvulo americano, uma barriga na Índia, enfim era uma coisa assim, a clínica em Israel, o óvulo nos EUA, a barriga na Índia, e pra eles terem um filho, que no fim das contas não ia ser registrado no nome dos dois de jeito nenhum, mas era uma coisa...

**SC: Era um casal bastante bem.**



LC: Muito dinheiro, para fazer este carnaval, mas é uma coisa realmente, muito, muito complicada né, inclusive em questões feministas, fiquei chocada, querendo pesquisar mais, mas justamente porque a barriga de aluguel nos EUA é uma coisa muito cara, os europeus de modo geral estão fazendo barriga de aluguel na Índia, e essa pessoa depois saiu para jantar comigo, me mostrou fotos e tudo, elas vivem como se fosse em uma espécie de acampamento, onde vivem várias mulheres parideiras de filhos de europeus, coisa assim...

**SC: Heterossexuais também? Ou seja não é uma coisa assim?**

LC: Não, não é só, claro que não... Mas uma coisa doida, né? E isso, no Brasil por questões assim, é proibido o aluguel, né, eu conheço agora dois casais de homens que usaram, do que eles chamam de empréstimo temporário de útero, mas tem que ser alguém da família, até quarto grau, e que de fato esteja emprestando.

**SC: É outra fronteira da legislação que está sendo agora debatida.**

LC: É, está sendo agora debatido, é curioso né. É o corpo da mulher, é a barriga dela, mas são questões que ficam na minha cabeça, fiquei muito impressionada com essa coisa. E eu acho, eu estou muito curiosa de saber como é que o filme vai ecoar, porque a gente está fazendo em co-produção com a França, e é uma temática assim, bem brasileira, no sentido de que fala da ditadura militar no Brasil, fala da situação do Brasil hoje, exatamente como ela é, acho que a relação dessa mãe e dessa filha é bem brasileira, tem um recorte bem brasileiro, mas ao mesmo tempo tem essa temática que a gente tem visto...

**SC: Tem uma temática bem globalizada.**

LC: É, e tenho visto reação no mundo todo, e inclusive lá em Michigan na sua aula também achei muito, muito interessante, inclusive eu achei que os atores da Universidade de Michigan fizeram um pouco em inglês maravilhosamente bem, pegaram rapidinho a coisa e fizeram maravilhosamente bem. E ao mesmo tempo que nos Estados Unidos é curioso, né, essas questões parecem já ultrapassadas por um lado, porque já foi, já tem um monte de famílias, e as pessoas não acham nada diferente, enquanto aqui, ao mesmo tempo que é tudo muito tranquilo, cada vez que a gente se apresenta, é uma apresentação né, tem uma coisa de único, eu sinto, mas tem a coisa de ser um país tão plural, em cada estado uma coisa diferente, e as leis anti-gays e as dificuldades, então por mais que tenha muito mais histórias em relação ao movimento LGBT, tem também em determinados lugares mais entraves, e mais dificuldades.

**SC: Parecido também com aquilo que você estava falando sobre o Brasil.**

LC: Parecido, um pouquinho menos, no sentido que o Brasil consegue ainda uma coisa um pouco mais geral, quer dizer.

**SC: Por lei.**

LC: É por lei, e mesmo quando o Supremo decide, porque o casamento foi uma coisa assim: dependia, depois que aprovou a união homoafetiva, dependendo do cartório fazia o casamento, porque dependia da cabeça do juiz do cartório. Aí depois o Supremo aprovou o casamento, aí, não, aí agora não importa a cabeça do juiz do cartório e todo mundo pode casar, aí agora, a coisa dos filhos, com o advento do casamento, e a mudança da lei de reprodução assistida, que garantiu, que por exemplo duas mulheres pudessem fazer troca de óvulos, então esses casos eles não conseguem fazer nada, porque quando a mulher gera o óvulo da companheira todos os cartórios registram direto, porque eles não conseguem determinar quem é a mãe, mas quando eu fiz em 2010, isso era proibido, então é uma lei, se eu não me engano, de 2012 que modifica a lei de reprodução assistida, criando leis de fato, sobre a questão, para as famílias homoafetivas, regulamenta a questão dos homens e das mulheres gays, e aí com isso abre todo um novo espaço. Agora quando é material genético, e barriga de uma só, aí mesmo havendo casamento, e mesmo havendo comprovação de que é um doador anônimo, os cartórios ainda têm autonomia de leitura sobre isso, e aí você tem que entrar com um processo caso o cartório não seja favorável, para resolver. Resolve razoavelmente rápido, há dois anos atrás no meu caso foram dois meses, mas ainda assim é um trabalho chato de se ter.

**SC: Bom é isso Laura, muito obrigada.**

LC: Falei pra burro né (risos).

**SC: Foi ótimo, maravilhoso, acho que cobrimos todas as bases, então muito obrigada pela entrevista, e fechamos aqui.**

LC: Obrigada.